



ISSN: 2358-0844

n. 4, v. 1 nov 2015.-abr. 2016  
p. 179-191.

# Globalização sexual e seus potenciais criativos: etnias, (trans)sexualidades e “pop-stars”

Marcelo Teixeira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Usualmente, na Sociologia, a globalização é tratada como uma série de desafios econômicos, culturais e políticos protagonizados por Estados, corporações transnacionais e fluxos de capitais e de informações, costumando ser retratada apenas enquanto fenômeno econômico. Entretanto, a globalização não repercute apenas na economia mundial, mas também em nosso domínio privado, afetando nossas vidas íntimas, redefinindo, inclusive, nossa identidade pessoal e sexualidade. Com a expansão dos sites de compartilhamentos de vídeos a partir do início dos anos 2000, pop-stars, etnias e raças foram mescladas aos fluxos de imagens, corpos e discursos imbricados na globalização das sexualidades. Estes fluxos poderiam desestabilizar os limites entre polos e periferias da produção audiovisual ao mesmo passo em que desafiam estereótipos de gênero e também de identidades nacionais. Abordando a trajetória de quatro pop-stars de Angola, Bulgária, Israel e Inglaterra, sobre os quais transexualidade e bissexualidade cruzariam com raça, nação e etnia, o artigo pretende investigar o impacto destes artistas sobre as políticas sexuais de seus países e no exterior. Além disso, o artigo aborda o significado das mudanças corporais, dos atos de “cidadania diva” e da cosmopolitização estética sobre a globalização das sexualidades. Por fim, os artistas escolhidos representariam uma possibilidade de cidadania sexual global.

**PALAVRAS-CHAVES:** globalização; sexualidades; queer; pop-stars; nacionalidades; etnia; raça.

**Abstract:** With the expansion of video-sharing websites from the early 2000s, pop stars, ethnicities and races were mixed to the flows of images, bodies and discourses intertwined in the globalization of sexualities. These flows could destabilize the boundaries between centers and peripheries of audiovisual production at the same step that challenge gender stereotypes and also national identities. Addressing the trajectory of four pop-stars from Angola, Bulgaria, Israel and England, on which transsexuality and bisexuality intersects with race, nation and ethnicity, the article aims to investigate the impact of these artists on their countries' sexual politics and abroad. Furthermore, the article discusses the meaning of body changes, acts of "diva citizenship" and aesthetic cosmopolitanism on globalization of sexualities. Finally, the chosen artists represent a possibility of global sexual citizenship.

**Keywords:** globalization; sexualities; queer; pop-stars; nationalities; ethnicity.

**Resumén:** En la Sociología se trata usualmente la globalización como una serie de desafíos económicos, culturales y políticos protagonizados por Estados, corporaciones transnacionales y flujos de capitales e informaciones, reduciéndola a un fenómeno económico. Pero la globalización no repercute apenas sobre la economía mundial, pero también en nuestro dominio privado, impactando en nuestra intimidad, redefiniendo, incluso, nuestra identidad personal y nuestra sexualidad. A partir de la expansión de sitios para compartir videos, desde los años 2000, pop-stars, etnias y razas fueron mescladas a los flujos de imágenes, cuerpos y discursos imbricados en la globalización de las sexualidades. Estos flujos podrían desestabilizar los límites entre los polos y las afueras de la producción audiovisual, al mismo tiempo que desafían estereotipos de género e identidades nacionales. A partir del abordaje de la trayectoria de cuatro pop-stars de Angola, Bulgaria, Israel e Inglaterra, sobre los cuales la transexualidad y la bisexualidad cruzarían con raza, nación y etnia, este artículo pretende investigar el impacto de estos artistas sobre las políticas sexuales en sus países y fuera de ellos. El artículo también aborda el significado de los cambios corporales, de los actos de “ciudadanía diva” y del cosmopolitismo estético sobre la globalización de las sexualidades. Finalmente, los artistas elegidos representarían una posibilidad de ciudadanía sexual global.

**Palabras clave:** globalización; sexualidades; queer; pop-stars; nacionalidades; etnia; raza.

<sup>1</sup> Arquiteto, mestre em Teoria da Arte e Espaço Construído pela Faculdade de Arquitetura de Brasília, doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília. E-mail: [marceloalmeidaarquiteto@gmail.com](mailto:marceloalmeidaarquiteto@gmail.com)

Recebido em 06/07/15  
Aceito em 25/11/15

Usualmente, na Sociologia, a globalização é tratada como uma série de desafios econômicos, culturais e políticos protagonizados por Estados, corporações transnacionais e fluxos de capitais e de informações, costumando ser retratada “unicamente como um fenômeno econômico” (GIDDENS, 2012. Pg. 102). Esses desafios teriam emergido ou se intensificados de maneiras diversas após a Revolução Digital ocorrida na segunda metade do século XX, que aumentou exponencialmente o fluxo de capitais, informações e imagens, proporcionado por novas tecnologias como Internet, fibras óticas, satélites, computadores e telefones celulares. A esses desafios postos pelas tecnologias de informática e comunicação, somaram-se aqueles postos pela globalização capitalista neoliberal, com a desregulamentação de mercados nacionais, onipresença de grandes corporações transnacionais, maior interdependência econômica entre os países, consumismo. Os impactos sociais e materiais da globalização capitalista, como desigualdades econômicas, migrações e reconfigurações espaciais urbanas, são tratados em larga bibliografia na academia. Entretanto, conforme Giddens (2012), a globalização não apenas afeta a economia mundial, mas também nosso domínio privado, nossas vidas íntimas, redefinindo, inclusive, nossa identidade pessoal e sexualidade (GIDDENS, 2012: 116). De maneira similar, Dennis Altman (2001) afirma que a “globalização tem ajudado na criação de uma identidade gay/lésbica internacional”, com repercussões no próprio corpo físico, já que, para Altman, “o prazer corporal é frequentemente conformado por condições políticas e econômicas” (ALTMAN, 2001: 89 e 2). Dessa forma, a globalização pode ser entendida como um processo de múltiplas escalas, do globo ao corpo, reconfigurando desde relações entre países até a própria relação individual com nossa corporalidade, não sendo possível dissociar suas implicações na escala da psique, do corpo biológico e da sexualidade por uma perspectiva sociológica.

Se nossa sexualidade pode ser afetada pela globalização, isso pode ocorrer de diversas maneiras, desde sua corporalidade até sua inclusão nas políticas nacionais e internacionais, a reconfigurando em várias escalas. Conforme o geógrafo Jon Binnie (2004) em *The Globalization of Sexuality*, os fluxos transnacionais de corpos, imagens, informações e discursos estão imbricados nas relações entre globalização, sexualidades e nacionalidades, sendo capazes de desestabilizar noções sobre o que seriam as margens e os centros da sociedade global contemporânea (BINNIE, 2004). Para Binnie, haveria três tendências majoritárias em relação aos impactos, nas sexualidades, da globalização: a primeira focaria os componentes sociais e materiais das sexualidades; a segunda, os efeitos das interseções entre raça e sexualidade sobre políticas sexuais locais e vice-versa; a terceira, o papel do Estado na cristalização de noções de “cidadania sexual” em nível local e global.



O foco de Binnie são os impactos da globalização sobre as homossexualidades, reunidas sob o termo “*queer*”, entendidas por ele como plurais e variáveis no espaço (ainda que arriscadas a homogeneizarem-se sob a hegemonia das políticas sexuais, imagens e culturas norte-americanas e europeias ocidentais). Na contemporaneidade, as homossexualidades em distintas realidades locais globalizam-se, sendo colocadas em contatos umas com as outras, permeadas por imagens e discursos oriundos de diversos pontos do globo. Dessa maneira, a globalização das sexualidades impactaria materialmente, socialmente e culturalmente sobre diversos indivíduos, grupos e nações, impactos sendo ao mesmo tempo especificamente locais e irredutivelmente globais.

Se o alargamento do fluxo de informações e imagens é atávico à globalização, a música, especialmente a “*pop*”, não pode ser excluída desse fluxo, estando implicadas na globalização das sexualidades as estrelas da música *pop*, entendida aqui como aquela variante do *rock’n’roll* ou da *dance-music*, de larga audiência. Madonna, por exemplo, tem sido uma “*pop star*” de interesse acadêmico, pelo impacto que teria exercido sobre feministas e/ou homossexuais em nível global (PAGLIA, 1990). Lady Gaga também tem sido objeto de interesse, por sua popularidade e simbolismo entre adolescentes homossexuais, por sua imagética, influência e engajamento nas políticas sexuais, sendo considerada exemplo de um “novo feminismo” e de questionamentos acerca de gênero, orientação sexual e identidade *performativa* (HALBERSTAM, 2012; DEFLEM, 2012). Porém, o foco aqui não será mulheres cantoras alçadas à condição de divas gays globais, ainda que a importância dessas sobre a construção de uma identidade e imagética gay global não possa ser desprezada: este artigo é sobre pop stars queer, aqui entendidos como aqueles sobre os quais estigmas de raça, corpo, gênero e sexualidades os classificariam como “abjetos”, conforme Butler (BUTLER, 1993[2011], p. XIII). Será utilizado o termo queer, que em português aproxima-se de “estranho” e/ou “desviado”, por entender que o adjetivo “gay” não os contempla, já que este privilegiaria homossexuais masculinos brancos, de classes altas e ocidentais negligenciando outras identidades e práticas homoeróticas, especialmente aquelas étnicas, não ocidentais e/ou periféricas cujos corpos carregam a marca da transexualidade, da ambiguidade de gênero, da etnia e da raça.

Estes pop-stars estariam presentes em contextos nacionais diversos (como Angola, Bulgária, Israel e Inglaterra), compartilhando entre si, além da não conformação a estereótipos de gênero e sexualidades, o confronto com as políticas sexuais vigentes de seus países, sendo ao mesmo tempo objeto de tensão em seus cenários nacionais e de interesse sociológico, pelas possíveis mudanças sociais causadas pela simples existência desses astros dentro e fora das fronteiras de suas pátrias. Os astros foram escolhidos de acordo com três critérios: primeiro, a notoriedade em seus países



(traduzida em prêmios ou participação de programas de TV com larga audiência); segundo, a adoção explícita de uma estética transgressora de gênero; terceiro, a afirmação pública de suas condutas e preferências sexuais. Foram quatro escolhas: o búlgaro Aziz, a transexual angolana Titica, o transgênero inglês Pete Burns e a transexual israelense Dana International. São artistas sobre os quais estigmas são sobrepostos: travesti e negro, judeu e transexual, cigano e homossexual, transgênero e bissexual. Início o artigo com um breve panorama histórico sobre as relações entre música pop e dissidências sexuais e a projeção de pop-stars causada pela ampliação dos fluxos de informação globalizados. A seguir, ofereço biografias superficiais dos astros escolhidos, contextualizando-as com as políticas sexuais de seus países e com o impacto de suas aparições dentro e fora das fronteiras nacionais, além de relacioná-los com o conceito de “*diva citizenship*” cunhado por Lauren Berlant. Por último, concluo que a simples existência de Aziz, Titica, Pete Burns e Dana International no cenário musical de seus países tem repercussões ao mesmo tempo locais e globais, sendo inseridas em uma possível construção de uma cidadania sexual em nível planetário.

### De Little Richard ao Youtube: um breve histórico “queer pop”

Historicamente, a música pop (especialmente a produzida nos Estados Unidos e Inglaterra) tem um longo relacionamento com efeminação, bissexualidade, androginia e homossexualidade, conformando uma tradição de desafio aos estereótipos estéticos, performativos e políticos de gênero (GEYRHALTER, 1996) com possíveis repercussões sociais. No caso do rock norte-americano, esse relacionamento surge já nos primórdios deste estilo musical nos anos 1950, quando estreou Little Richard (nome artístico de Richard Wayne Penniman): negro e efeminado, Little Richard poderia ser considerado o primeiro pop-star queer da história do rock, mas após conversão religiosa em 1957 se declarou “*ex-gay*”. Entretanto, roqueiros publicamente assumidos como homossexuais ou bissexuais teriam maior visibilidade a partir dos inícios dos anos 1970, especialmente no mundo anglo-saxão, após o surgimento do *glam-rock*, que valorizava a ambiguidade sexual e androginia. Nesses anos, David Bowie, Jobriath, Lou Reed e Iggy Pop sustentavam publicamente seus relacionamentos homo ou bissexuais, como o notório envolvimento (influyente em sua carreira artística) de Lou Reed durante três anos com uma travesti chamada Rachel (BIVAR, 1982). Ainda no início da década de 70, artistas como Alice Cooper e New York Dolls foram notados por suas posturas andróginas no palco. No Brasil, a Tropicália flertaria com a androginia, especialmente por meio de Caetano Veloso, pavimentando o caminho que levaria à ambiguidade sexual transgressora de Ney Matogrosso (FAOUR, 2006). Em comum aos astros ingleses, norte-americanos e brasileiros estava a afronta aos parâmetros socialmente aceitos de masculinidades, alargando comportamentos e estéticas correntes.



Posteriormente, a *disco-music*, o *punk-rock* e o pós-punk também apresentaram ambiguidades sexuais: a primeira, nascida dos guetos gays multiétnicos norte-americanos, popularizou diversos artistas latinos e/ou negros queer (como Sylvester) e grupos homossexuais (como Village People) a partir da segunda metade dos anos 70. O segundo radicalizou estéticas de corpos transgressores (como a transexual inglesa Wayne County) e o terceiro, nos anos 80, apresentou ao mundo diversos artistas gays (Boy George, Jim Morrissey, Renato Russo). A partir dos anos 80, com a ascensão da cultura *clubber*, centrada em boates, festas, música eletrônica e atavicamente relacionada com subculturas LGBTs, uma miríade de artistas sexualmente ambíguos foi exposta, beneficiada pela contemporânea expansão da Internet, tornando a cultura *clubber* indissociável de dissidências sexuais e de novas propostas comportamentais e estéticas: os *clubbers* eram os “*reatores nucleares da cultura pop*” que tornavam sexualidade e gênero “*irrelevantes*” (GLAMORRE, 2008). Assim, a rede de influências estéticas e sexuais do pop-rock, estabelecida desde o final da década de 60, ganhou velocidade e abrangência conforme a circulação de imagens e informação se expandia, globalizando a transgressão e a displicência com estéticas normativas de gênero e de sexualidades.

A projeção global de pop-stars, especialmente anglo-americanos, se expandiria após a inauguração do canal *Music Television Channel* (MTV) em 1981 nos Estados Unidos. A MTV foi apontada como uma das forças motrizes de uma possível cultura global (GIDDENS, 2012, 114). Posteriormente, a MTV abriria diversas filiais por todos os continentes, alargando mundialmente o espectro expositivo para a indústria da música pop. Canais similares a MTV foram lançados regionalmente e internacionalmente, favorecendo a projeção de variados artistas em nível global. Entretanto, com o advento da Internet e, particularmente, após a fundação do site de compartilhamento de vídeos Youtube em 2005, a exposição global de artistas populares alcançaria patamares jamais alcançados pela MTV: vídeos com mais de um bilhão de visualizações já não seriam incomuns, como atestam os astros pop Justin Bieber, Psy, Adele e Carly Rae Jepsen (RUSSEL, 2013).

Entre esses nomes, o sul-coreano Psy e sua música *Gangnan Style* ilustra a possibilidade de alcance global de artistas que, sem o Youtube, dificilmente romperiam as barreiras geográficas e linguísticas: recordista global em visualizações (mais de dois bilhões em 2012), *Gangnan Style* foi reproduzida, mesclada e utilizada de variadas formas em diversos contextos nacionais, exemplificado as possibilidades criativas e estéticas da globalização. Dessa forma, o impacto da circulação intensiva de performances e identidades sexuais de popstars em nível global e local, sobre subjetividades individuais, não deveria ser subestimado. Além disso, por uma perspectiva sociológica, seria difícil dissociar popstars e suas músicas de interações sociais, ao tornarem-se



símbolos identitários e compartilhados dentro de comunidades de corpos e subjetividades, ao mesmo tempo em que não podem ser dissociados de contextos culturais e sociopolíticos das sociedades nas quais esses mesmos popstars e seus admiradores são construídos.

### **Biografias (trans) nacionais: exuberância, abjeção e fama**

Aziz, Titica, Pete Burns e Dana International provavelmente permaneceriam circunscritos aos seus países sem a exposição que obtiveram por meio do Youtube. Com exceção de Pete Burns, que já na década de 1980 era vocalista de um exitoso grupo pop (*Dead or Alive*) e frequentemente vinculado pelas filiais da MTV, os demais ascenderiam à fama por meio da globalização proporcionada pela Internet ou por ganhar festivais de alcance mundial, como o Eurovision. Expostos a uma audiência global, Aziz, Titica e Dana passariam a ser observadas não apenas como curiosidades locais isoladas, mas como potenciais referências para outras culturas. Com as barreiras geográficas minimizadas pelo “mundo virtual”, uma crescente rede global de popstars queer em diversos graus de subalternidade e conexão poderia ser identificada, contribuindo, com suas idiossincrasias, para a globalização das sexualidades. Os artistas citados estariam ainda implicados em uma “*Cosmopolitização Estética*”, que seria o processo que, ao mesmo tempo em que se apropria de formas expressivas e práticas culturais utilizadas por nações e/ou por grupos destas formaria culturas globais interconectadas com estéticas, práticas e expressões compartilhadas. Nesse processo, grupos nacionais reafirmam e performatizam seu senso de unicidade e ainda compartilham uma base estética comum com outros países e grupos (REGEV, 2013, p.1-4). Dessa forma, Aziz não é apenas um cigano búlgaro e homossexual, como também Titica não é apenas uma travesti negra e periférica: são ao mesmo tempo localizados enquanto expressões de culturas musicais regionais e como indivíduos inseridos nos processos de compartilhamento de uma possível cidadania sexual em nível planetário, tanto em termos estéticos quanto políticos.

A escolha de Pete Burns, Aziz, Titica e Dana não são fortuitos: entre a miríade de artistas queer alcançáveis pela contemporânea circulação de informações por meio de sites de compartilhamento de vídeos, notícias e mídias sociais, algum dos artistas citados foram capazes, em seus contextos nacionais, de realizar o que Lauren Berlant (1997) conceituou como “*diva citizenship*” (que será aqui traduzido como “*cidadania diva*”):

um momento de emergência que aponta para potenciais não realizados de atividades políticas subalternas, que ocorre quando uma pessoa encena atos dramáticos na esfera pública na qual esta não tem privilégios, fazendo a audiência a se identificar com a



trajetória de sofrimento e coragem de subversão de quem encena o ato, e ser conclamada a mudar práticas sociais e institucionais de cidadania com as quais atualmente consentem (BERLANT, 2002 [1997], p.223).

Assim, os artistas citados teriam potencial transgressor não desprezível: seriam capazes, por meio de suas aparições públicas e sustentação de suas identidades, desafiar as políticas sexuais e os estereótipos estéticos, sexuais e étnicos de seus países, ao mesmo tempo em que promoveriam suas nacionalidades em nível global. Exerceriam a cidadania diva em aparições dramáticas, ora por meio de sua imagem pessoal, ora por relatos de violências sofridas, como Títica ao falar sobre as surras e apedrejamentos pelos quais passou<sup>2</sup>. Ou ainda pelos posicionamentos frente às políticas sexuais de seus países, como a campanha anti-homofobia e pró-casamento igualitário que Aziz protagonizou<sup>3</sup>. Ser diva e queer poderiam ter implicações políticas para além das fronteiras nacionais.

Neste momento, torna-se necessária uma maior contextualização dos artistas escolhidos. Em comum, mudanças corporais, estigmas, confrontos com os estereótipos estéticos, de gênero e sexualidades e com as políticas sexuais de seus países, além da potencialidade subversiva de seus “*corpos espetáculos*” no sentido em que, ao recusar conceitos normativos de corpos femininos e/ou masculinos e sustentá-los em aparições públicas, não serem neutros politicamente (PITTS, 2003. p.88-92).

Títica foi a primeira transexual publicamente assumida a se tornar pop-star em não só em Angola, mas em toda a África. Estreou em 2011, sendo eleita no mesmo ano “melhor artista de Kuduro” (um dos ritmos digitais periféricos de alcance global) recordista de vendas discográficas. Ao se tornar personagem comum nas rádios e tevês angolanas, com sua fama ultrapassando as fronteiras locais, Títica teria ajudado a dar visibilidade da comunidade homossexual angolana e em uma possível minimização da discriminação por orientação sexual em seu país. A imagem de Títica repercutiria pelos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs) e em Portugal, por meio dos fluxos culturais de mão dupla entre ex-colônias e metrópole. Em 2012, foi citada por Bjork, a popstar islandesa de fama global, como uma de suas inspirações atuais em entrevista ao jornal inglês *The Guardian* (NICHOLSON, 2012). Em 2013, torna-se “embaixadora da Boa Vontade” das Nações Unidas na luta contra o HIV-AIDS em Angola.

<sup>2</sup>Em entrevista a BBC, Títica afirma: “*Fui apedrejada, espancada e há muito preconceito contra mim, muita gente mostra isso. Há um enorme tabu*”. Disponível em:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120413\\_titica\\_rp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120413_titica_rp.shtml)

<sup>3</sup>No site da Sofia News Agency, os cartazes são chamados de “escandalosos”. Disponível em:

[http://www.novinite.com/view\\_news.php?id=87668](http://www.novinite.com/view_news.php?id=87668)



Já a israelense Dana International iniciou sua carreira aos 18 anos como *drag-queen* em boates da cena gay de Tel-Aviv, onde conheceu o internacionalmente famoso disc-jockey Offer Nissim, seu primeiro produtor musical. Aos 21 anos submeteu-se a cirurgia de redesignação sexual, passando a ser Sharon Cohen. Dana então gravou seu primeiro álbum, obtendo crescente popularidade não só em Israel, mas também em países vizinhos árabes, como Líbano, Síria, Jordânia e Egito (onde seus álbuns foram proibidos). Em 1998, ao se candidatar para o festival Eurovision, com oposição setores ortodoxos religiosos, suscitou até debates parlamentares em Israel se uma transexual deveria representar a nação judaica. O Eurovision é um festival anual de músicas, do qual participam os membros da União Europeia de Radiotelevisão, entidade que reúne rádios e tevês de 55 países (da Europa, da orla do Mediterrâneo e do Mar Cáspio), formando uma audiência estimada de 600 milhões de espectadores. Após ganhar a edição do festival de 1998, ao mesmo tempo que exporia sua transexualidade para milhões de espectadores e dezenas de países, Dana não só alcançaria fama global como seria responsável por uma radical alteração da percepção da sociedade israelense frente à transexualidade, como suscitaria debates acerca da imagem nacional, homofobia, racismo, zionismo, religião (ZIV, 2002; SOLOMON, 2003).

Não só dentro de Israel, mas nos países vizinhos, a transexual popstar causaria discussões: o Egito se sentiu “ameaçado por uma invasão sexual” e “destruição” pela mais nova arma israelense: Dana International foi banida do comércio musical egípcio por repressão policial (KUNTZEL, 2007, pg. 96). Também na Jordânia, Dana seria banida por ser “vergonhosa” e acusada por clérigos fundamentalistas islâmicos de ser “um câncer israelita infectando as mentes da juventude árabe” (DOAN, 2010. P.148). A partir de sua vitória, acusações seriam feitas ao Eurovision, considerado um poderoso agente formador de narrativas e de imagéticas gays, de explorar e “comoditizar” a homossexualidade, como potencial agregador de valor, de sucesso e novos espectadores (SINGLETON, FRICKER, MOREO, 2007). Após Dana, diversos artistas queer apareceriam no Eurovision, como a *drag-queen* ucraniana Verka Serduchka em 2007, a travesti austríaca e campeã da edição de 2014 Conchita Wurst e o búlgaro Aziz.

Na Bulgária, o cigano e homossexual assumido, Aziz (nome artístico de Vasil Trayanov Boyanov) é campeão de vendas fonográficas, coletando diversos prêmios e polêmicas locais após sua estreia, em 1999. Alcançou repercussão internacional com seu visual displicente com barreiras de gênero e sua vasta videografia, na qual celebra a extravagância, a homossexualidade explícita, a ambiguidade de gênero, o macho balcânico e repertórios gestuais femininos da música tradicional cigana búlgara. Sua fama alcançaria novos patamares após chegar às semifinais do Eurovision de



2006, Segundo a agência de notícias Sofia News, “*mesmo as crianças pequenas da Bulgária sabem que Aziz é um cantor que usa vestidos pomposos, cílios postiços e que rebola*” e que “*entre a minoria cigana, ele é mais popular do que Jesus Cristo*”. (Novinite.com, 2011). Aziz, em 2006, casa-se com seu companheiro, sem validade legal, e em 2007 o casal estampa cartazes de uma campanha anti-homofobia e pró-casamento igualitário que foram fixados em três cidades búlgaras, sendo retirados em Sofia, a capital, por ordem do então prefeito Boyko Borisov, por considerá-los escandalosos. Ainda em 2007, Aziz torna-se pai, por inseminação artificial, causando celeuma na mídia local<sup>4</sup>. Dessa maneira, Aziz desempenharia “*qualquer coisa que fosse possível ao longo dos eixos da etnicidade, religião, gênero e escolhas de orientação sexual*” (KIROVA; SLAVOVA, 2012) ao mesmo tempo em que questionaria os limites entre a Bulgária balcânica (cigana e orientalizada) e a europeia (ocidentalizada, branca) e entre noções eslavas e ocidentais do que seriam homossexualidade e heterossexualidade (KOURTOVA, 2012).

Na Inglaterra, Pete Burns, nome artístico de Peter Jozzeppi Burns, foi alçado à fama em 1985, quando era vocalista da banda *Dead or Alive*, quando já se apresentava com visual andrógino. Coletou polêmicas por causa de sua mudança corporal transgressora de barreiras de gênero, por meio de dezenas de cirurgias plásticas feminilizantes e também por sua bissexualidade, sendo casado durante 28 anos com uma mulher. Burns mudaria radicalmente sua face ao longo de sua carreira, com implantes de silicone, afirmando ver na cirurgia plástica uma forma de arte<sup>5</sup>. Em sua autobiografia, Burns rejeita a possibilidade de uma cirurgia de redesignação sexual porque, apesar da feminilização facial e do *crossdressing*, percebe-se como homem e como um corpo manipulado à medida da sua identidade enquanto artista (BURNS, Peter; CRANNA, Ian. 2007). Em 2006, Burns retorna à mídia após sua participação no *reality-show* Big Brother Celebrity UK. No ano seguinte, casa-se, durante poucos meses, com um homem, saindo da relação fazendo polêmicas declarações acerca do casamento homossexual (DAILY MAIL, 2008) que seriam repercutidas por conservadores no Reino Unido. Pete Burns, ao recusar publicamente a identidade gay, ao mesmo tempo em que sustentava seus relacionamentos homossexuais e sua transgeneridade, durante sua participação no Celebrity Big Brother UK, levaria uma grande audiência multinacional a questionar os próprios posicionamentos em relação aos estereótipos de gênero e de sexualidade, com potencial alargamento dos mesmos (GRAHAM, 2010).

<sup>4</sup> Disponível em :<http://www.novinite.com/articles/83861/Bulgaria%27s+Gay+Idol+Becomes+Father>

<sup>5</sup> Depoimento de Pete Burns na rede de televisão ABC. 26/11/2010.



Em relação aos direitos civis de lésbicas, gays, transgêneros e transexuais (LGBTs) em seus países, os/as artistas citados/as enfrentam cenários distintos. Inglaterra (onde a homossexualidade foi descriminalizada em 1967) e Israel (descriminalização em 1988) são países com legislação tolerantes. Já os direitos civis LGBTs em Angola tornam o desempenho público de Titica ainda mais contestador, já que a homossexualidade continua ilegal no país. Após sua cirurgia de redesignação sexual em 2012, no Brasil, Titica tornou emergente em Angola as discussões frente às implicações legais de sua mudança de sexo, já que a legislação local é omissa. Na Bulgária, a homossexualidade foi descriminalizada em 1968, as “mudanças de sexo” são permitidas legalmente e a discriminação e os discursos de ódio (por motivos de orientação sexual) proibidos desde 2003. Entretanto a demonstração pública de orientações sexuais distintas da heterossexualidade enfrentariam tentativas de cerceamentos legais e violências, o que levaria Aziz a declarar publicamente a intenção de deixar o país devido ao racismo e homofobia em 2011<sup>6</sup>, por ser constantemente criticado pela Igreja Ortodoxa local e por setores conservadores. Ainda que Dana e Pete pertençam a sociedades mais abertas, foram capazes de gerar discussões acerca dos limites normativos sobre o corpo físico e de sua condição sexuada, rompendo com paradigmas de gênero de suas sociedades. Dessa forma, os corpos destes pop-stars refletiriam os processos e estratégias não só de fixar identidades materialmente e simbolicamente por meio das mudanças corporais e da exibição pública destas mudanças, mas também indicariam ser o corpo um dos sítios nos quais os embates políticos acerca da sexualidade na contemporaneidade são inscritos (PITTS, 2003. p.88-92).

### O corpo pop e queer globalizado: sitio de subversão e esperança

A globalização das sexualidades caminharia *pari passu* com processos de cosmopolitização estética de popstars queer e com momentos de cidadania diva. Seria possível identificar similaridades na videografia de Aziz, Titica, Dana e Pete Burns: ênfase no corpo espetáculo e de suas imprecisões entre feminilidades e masculinidades, como narrativas das trajetórias de mudanças corporais objetivadas como meio de inscrever materialmente suas identidades sexuais. Seria ainda possível acompanhar pelos vídeos, processos nos quais, conforme sugerido por Victoria Pitts, o corpo queer torna-se um “*espaço de rebelião e de auto-atualização*”, em constante devir de potencialidades eróticas (PITTS, 2003. p.88-92). Além disso, aparições dramáticas nas esferas públicas de seus países e nos espaços transnacionais da Internet ajudariam a formular noções de uma possível cidadania sexual em nível global: um transexual angolano, ao reconhecer-se em Dana International, almejaria

<sup>6</sup>Disponível em

<http://www.novinite.com/articles/134072/Chalga+Gay+King+Azis+Sick+of+Bulgaria,+Moves+Abroad+Forever>>



*Periódicus*, Salvador, n. 4, v. 1, nov.2015-abr.2016. Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades

Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA

ISSN: 2358-0844 – Endereço: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>

ter os mesmos amparos legais israelenses, por sua vez influenciados por matrizes de direitos LGBT de origem euro-americana, muitas vezes defendidos por ídolos como Lady Gaga e Madonna. Que implicações políticas e subjetivas teria a aparição de Titica, pós-redesignação sexual, na capa da revista angolana *People*, apresentando-se como uma mulher em relacionamento afetivo e querendo ter filhos, para a sociedade de um país onde a homossexualidade continua ilegal? A performance pública de Aziz poderia, de um lado, recalcitrar posicionamentos, de origem racista, religiosa e xenófoba, na Bulgária e em países vizinhos na Europa Central e por outro, ser utilizada politicamente como ícone de subversão: durante o processo envolvendo as integrantes do grupo russo *Pussy Riots*, o tribunal moscovita no qual foram sentenciadas à prisão teve seu site hackeado, com um vídeo de Aziz inserido na página de abertura (JENKIN,2010). Dessa forma, a globalização das sexualidades e da cidadania sexual já não reconheceria centros nem periferias, nem metrópoles e nem colônias, nem primazias e subalternidades: seria múltipla, constante, imbricada em diversas escalas, em variados locais de fala e multifacetárias expressões estéticas e culturais.

Dentre os fluxos que impactariam na construção de sexualidades na contemporaneidade, as aparições dramáticas de artistas queer e a circulação transnacional de suas imagens teriam seu lugar. Essas aparições seriam capazes de ultrapassar fronteiras nacionais e diluir barreiras étnicas, ao mesmo tempo em que as reforçariam dentro de um cenário de constatação de homogeneização das estéticas compartilhadas por grupos e nações globalmente. Nesses fluxos, ritmos musicais regionais (kuduro, chalgá, música judaica) são remixados com cenas do imaginário queer (tanto local quanto global) e com corpos transgressores de estereótipos de gênero formando uma retórica visual para potencialidades culturais, sociais e eróticas ao mesmo tempo em que confere cosmopolitanismo ao artista local queer: desta maneira, Aziz é tanto africano quanto cigano, Titica tanto negra quanto europeia, Dana International tanto judia quanto latino-americana. Suas identidades, ao mesmo passo em que são permeadas por estes fluxos transnacionais, também permeiam outras em formação dentro e fora das fronteiras de seus países.

As identidades sexuais, frente à exposição global de diversas outras subjetividades e corpos, seriam sedimentadas em processos fragmentários e múltiplos, sobre os quais nenhuma disciplina estaria autorizada a identificar a primazia de algumas causas sobre outras. Ainda, a identidade sexual seria como bonecas russas que contêm outras cada vez menores em seu interior, simbolizando as escalas múltiplas da sua formação, como o biológico, o social, a cultura (FAUSTO-STERLING, 2000). O pop-star queer seria apenas um dos vértices de multifacetadas angulações, que incidiriam sobre os diversos planos que se sobrepõem na construção dos corpos sexuados e de subjetividades,



sobreposições ora feitas por identificações, ora por abjeções. Assim, a circulação transnacional compartilhada das imagens e músicas de pop-stars queer, em conjunto com o trânsito em larga escala de noções de cidadania e de direitos civis LGBTs euro-americanos, estariam atavicamente implicadas na formação de uma possível cidadania sexual global para aqueles corpos que desafiariam estereótipos de gênero e sexualidade vigentes em diversas sociedades mundo afora. Ser diva também é ser política, ao mesmo tempo em que ser local é ser global. Em Aziz, Titica, Dana International e Pete Burns potencializam-se possibilidades utópicas de um mundo no qual os mesmos direitos assegurados aos corpos queer em países de capitalismo avançado sejam, um dia, garantidos aqueles às margens da sociedade nos países mais periféricos e no qual gênero, corpo, sexualidades, raça, etnia e localização espacial já não sejam motivos de discriminações.

---

## Referências

- ALTMAN, Dennis. *Global sex*. Chicago: Chicago University Press, 2001.
- BELL, David; BINNIE, Jon. *The sexual citizen: queer politics and beyond*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- BERLANT, Laurent. *The queen of America goes to Washington: sex and citizenship*. Durham: Duke University Press, 2002
- BINNIE, Jon. *The globalization of sexuality*. Londres: Sage, 2004.
- BIVAR, Antonio. *O que é punk?* Brasiliense, 1982.
- BURNS, Peter; CRANNA, Ian. *Freak unique: Mmy autobiography*. Londres: Jonh Blake, 2007
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter*. Nova York, Routledge, 2011.
- Chalga gay king Aziz sick of Bulgaria, moves abroad forever. *Novinite.com*, 2011. Disponível em: <<http://www.novinite.com/articles/134072/Chalga+Gay+King+Azis+Sick+of+Bulgaria,+Moves+Abroad+Forever>> Acessado em 23 de março de 2014.
- DEFLEM, Mathieu. The sex of Lady Gaga. In. GRAY II, Richard J. *The performance identities of Lady Gaga: critical essays*. Mcfarland, 2012, pp. 19-32
- DOAN, Petra. Disrupting gender normativity in Middle-East. In. LIND, Amy (Ed.). *Development, sexual rights and global governance*. Nova York: Routledge, 2010.
- GRAY II, Richard J. *The performance identities of Lady Gaga: critical essays*. McFarland, 2012.
- FAOUR, Rodrigo. *A história sexual da MPB: a evolução do sexo e do amor na canção brasileira*. Record, 2006.
- FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality*. Nova York: Routledge, 2000.
- Gay Marriage doesn't work. *Daily Mail*, 2008. Disponível em <<http://www.dailymail.co.uk/femail/article-563814/Gay-marriage-does-work-men-just-predatory-says-Pete-Burns.html>> Acessado em 18 de março de 2014.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2012
- GRAHAM, Todd. Talking politics online within spaces of popular culture: the case of the Big Brother Forum. *European Institute for Communication and Culture*. Vol.17 (2010), No. 4, pp. 25-42



- GERSTNER, David. A. *Routledge International Encyclopedia of Queer Culture*. Nova York: Routledge, 2006.
- GEYRHALTER, Thomas. *Effeminacy, camp and sexual subversion in rock: the Cure and Suede*. *Popular Music*, 15, pp 217-224
- HALBERSTAM, J. Jack. *Gaga feminism: sex, gender and the end of normal*. Boston: Beacon Press, 2012.
- JENKIN, Matthew. *Hackers attack Pussy Riot court website*. *Gay Star News*. 2012. Disponível em <<http://www.gaystarnews.com/article/hackers-attack-pussy-riot-court-website210812>> Acessado em 21 de março de 2014.
- KIROVA, Milena; SLAVOVA, Kornelia. Gender identities in transition: the role of popular culture and the media in Bulgaria after 1989. In. DASKALOVA et al. *Gendering Post-Socialist transition: studies of changing gender perspectives*. Berlin: LIT, 2012.
- KOURTOVA, Plamena. Imitation and controversy: Performing (trans) sexuality in post-communist Bulgaria. In. ANTWOOD, Feona (ed.). *Controversial images: Media representations on the edge*. Nova York: Palgrave MacMillan, 2013, pp. 52-64.
- KUNTZEL, Matthias. *Jihad and Jew-hatred: Islamism, Nazism and the roots of 9/11*. Nova York: Telos, 2007
- NICHOLSON, Rebecca. Bjork: What inspires me. *The Guardian*, 2012. Disponível em <http://www.theguardian.com/music/2012/may/03/bjork-what-inspires-me> Acessado em 19 de março de 2014.
- PAGLIA, Camille. Madonna: finally, a real feminist. *New York Times*, 1990. Disponível em <<http://www.nytimes.com/1990/12/14/opinion/madonna-finally-a-real-feminist.html>> Acessado em 19 de março de 2014.
- PITTS, Victoria. *In the flesh: the cultural politics of body modification*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003.
- REDVERS, Louise. Transexual Titica rouba cena do kuduro em Angola. *BBC Brasil*. 2012. Disponível em <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120413\\_titica\\_rp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120413_titica_rp.shtml)>. Acessado em 21 de março de 2014.
- REGEV, Motti. *Pop-rock music: Aesthetic cosmopolitanism in late modernity*. Cambridge: Polity Press, 2013.
- RUSSEL, Malory. *The Harlem Shake hits 1 billion views!* Visiblemeasures.com. 2013. Disponível em <<http://www.visiblemeasures.com/2013/04/04/the-harlem-shake-hits-1-billion-views/>> Acessado em 22 de março de 2014.
- SINGLETON, B., FRICKER, K.; MOREO, E. Performing the queer network. Fans and families at the Eurovision Song Contest. *SQS—Journal of Queer Studies in Finland*, 2, 2007, pp. 12-24.
- SMITH, Raven (Ed.). *Club kids from speakeasies to Boombox and beyond*. Londres: Black Dog Publishing, 2008.
- SOLOMON, Alisa. Viva la diva citizenship: post-zionism and gay rights. In. BOYARIN at all (eds.) *Queer theory and the Jewish question*, 149-165. Nova York: Columbia University Press, 2003.
- Titica pode ser a primeira transexual do país. *Diário da Liberdade*. 2012. Disponível em <<http://www.diarioliberalidade.org/africaasia/mulher-e-lgbt/31892-angola-titica-pode-ser-a-primeira-transexual-do-pa%C3%ADs.html>>. Acessado em 23 de março de 2014.
- ZIV, Amalia. Diva Interventions: Dana International and Israeli Gender Culture. In: PEELE, Thomas (ed.). *Queer Popular Culture*, 2002, pp.119-136.

